

INSERÇÃO DE CONTEÚDOS DA SAÚDE AMBIENTAL NA FORMAÇÃO DE ENFERMEIROS

Isabel Cristina Adão Schiavon (1)

Angela Maria Magosso Takayanagui (2)

(1) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais - Campus São João del-Rei/ isabel.schiavon@ifsudestemg.edu.br

(2) Universidade de São Paulo – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/ ammtakay@eerp.usp.br

Resumo: trata-se de estudo documental, descritivo e de abordagem quantitativa com objetivo de descrever o panorama brasileiro sobre o ensino de Saúde Ambiental em cursos de graduação em Enfermagem. Foram pesquisadas 821 instituições de ensino superior, sendo que, dessas, 283 atenderam aos critérios de inclusão e foram selecionadas para composição da amostra. Os resultados apontaram para uma relevante lacuna relacionada aos conteúdos específicos da Saúde Ambiental, de forma que apenas 0,3% da carga horária total pesquisada relacionavam-se à mesma. Tal resultado demonstra a pouca importância conferida pelos centros formadores à temática de Saúde Ambiental, embora a mesma venha ganhando cada vez mais espaço nas discussões sobre determinantes do processo saúde-doença em organismos nacionais e internacionais.

Palavras-chave: Enfermagem, Saúde Ambiental, Currículo.

Introdução

Desde os anos iniciais da profissão, líderes da enfermagem, como Florence Nightingale, reconheceram o papel dos enfermeiros no controle da influência de fatores ambientais na saúde humana e os impactos de um ambiente saudável na saúde individual e coletiva.

Vários autores afirmam haver uma ligação entre sustentabilidade, mudança climática e saúde, o que faz com que seja premente que examinemos a inclusão de temas relacionados à sustentabilidade e mudança climática na formação dos enfermeiros. Essa temática adquiriu uma relevância internacional, a ponto da Assembleia Geral das Nações Unidas ter proclamado em 2002, o período de 2005 a 2014 como a Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (GOODMAN; EAST, 2014).

Um currículo alinhado com o futuro necessita que reexaminemos nossos posicionamentos, valores, filosofias e ideologias que guiam o nosso pensar e agir. Ou seja, a academia não pode permanecer neutra frente às diferentes crises globais, especialmente à crise ambiental, mas sim, dar respostas pontuais efetivas às mesmas (GOODMAN; EAST, 2014).

Com esses argumentos, busca-se defender a necessidade de que a dimensão ambiental seja incorporada ao desenvolvimento das ações de saúde, devendo ser, inclusive, repensada na

formação dos enfermeiros (CAMPONOGARA, 2008). Tal ideia é ratificada ao se analisar as funções do ensino, nesse contexto, quais sejam: transformação do pensamento, construção de cidadãos aptos ao enfrentamento dos problemas de seu tempo, capacidade de fazer a mobilização e conexão de conhecimentos fragmentados, a fim de criar uma cultura ética de interdependência e solidariedade (CORRÊA; LUNARDI; DE CONTO, 2007).

Um currículo que desconsidera a importância da Saúde Ambiental e sustentabilidade e, pior ainda, que enfoca em demasia a aquisição de habilidades biomédicas, não dará suporte para que os graduados enfrentem de forma ampla, os problemas de saúde que se delineiam no futuro (GOODMAN, 2011). O autor relata, ainda, que a educação deve ser transformadora, ou seja, o graduando deve adquirir habilidades e conhecimentos que lhe permitam se adaptar a novos papéis. Tal fato é corroborado por Mendes e Marziale (2008), ao relatarem a realidade da saúde na atualidade, com diversos desafios e a escassez de profissionais qualificados para fazerem o enfrentamento adequado dessa provocação.

Dessa forma, ressalta-se a necessidade de que alunos e profissionais de enfermagem compreendam a determinação dos processos de deterioração ambiental, promovendo o envolvimento dos usuários dos serviços de saúde, em um movimento coletivo e global de conservação da natureza, exercendo seu empoderamento e autonomia também nas questões ambientais (RIBEIRO; BERTOLOZZI, 2002).

Em 2007, a ANA lançou um documento que aborda dez princípios da Saúde Ambiental recomendados para serem incorporados à prática da enfermagem (ANA, 2007). Tais princípios buscam promover nos enfermeiros, o entendimento da relação entre saúde humana e exposição ambiental, a fim de integrar esse conhecimento em sua prática e, também, reconhece o papel dos enfermeiros como ativistas da saúde ambiental. Anaker et al. (2015) nos dizem que é extremamente importante que os enfermeiros estejam conscientes de sua própria responsabilidade acerca da sustentabilidade.

Estudo realizado por Peres (2014) apontou que os docentes de enfermagem, investigados na pesquisa realizada por esse autor, apresentaram uma visão reducionista do meio ambiente, ao mesmo tempo em que os mesmos relataram dificuldade em abordar questões ambientais em seus conteúdos ministrados, embora reconheçam a importância das mesmas no processo saúde-doença. Mesmo reconhecendo fragilidades no conhecimento recebido sobre a temática ambiental na sua formação, acabam reproduzindo as mesmas informações. Para Anaker et al. (2015), a formação na área de saúde deveria proporcionar uma base de conhecimento capaz de preparar os enfermeiros a assumirem seu papel como representantes de um cuidado à saúde sustentável. Enfermeiros possuem potencial para proporcionar uma importante contribuição

ao desenvolvimento sustentável, promovendo oportunidades para grupos, indivíduos e comunidades de criar uma sociedade saudável, tal como apontado pelo *International Council of Nurses* (INTERNATIONAL COUNCIL OF NURSES - ICN, 2012).

Segundo McMillan (2013), cada vez mais a Enfermagem mundial discute sobre sustentabilidade e meio ambiente; no entanto, esses temas ainda aparecem pouco na literatura específica. A literatura de enfermagem atual descreve os objetivos e importância da sustentabilidade, com destaque para os facilitadores e barreiras associadas com a criação de sustentabilidade, mas não consegue descrever ou explicar como a enfermagem compreende o conceito como um processo (MCMILLAN, 2013).

Dados alarmantes do relatório *Preventing Disease Through Healthy Environment* estimam que, entre crianças de 0 a 14 anos, a proporção de mortes atribuíveis a fatores ambientais seja superior a 36% e, aproximadamente, 25% de todas as mortes nos países em desenvolvimento sejam atribuídas a causas ambientais (PRUSS-USTUN e CORVALÁN, 2006). Em sua segunda edição, o relatório enfatiza que 57% das doenças diarreicas globais, bem como 35% dos casos de infecções respiratórias baixas, são ocasionadas por fatores ambientais. Os fatores ambientais aparecem também como responsáveis por 44% dos casos mundiais de asma, 30% das doenças cardiovasculares e 11% das internações em neonatos (PRUSS-USTUN et al., 2016).

Seymour (2015) ressalta que entre os norte-americanos, a asma aumentou 28% de 2001 a 2011, atingindo a marca de 25 milhões de doentes nos Estados Unidos. Segundo a autora, esse é só um exemplo dos efeitos reais da mudança climática na saúde das pessoas com os quais os enfermeiros já estão tendo que lidar diariamente. Ainda, ressalta a importância de que os fatores ambientais sejam enfocados na formação dos enfermeiros para que estejam preparados para lidar com essas situações.

Nesse mesmo sentido, o *American College of Physicians* também emitiu um documento se posicionando a respeito da mudança climática e seu impacto na saúde, alertando que essa alteração representa um risco catastrófico à saúde humana, os quais serão piores no próximo século (CROWLEY, 2016).

O ICN estima que cerca de três bilhões de pessoas que vivem na pobreza pelo mundo serão seriamente afetados pela mudança climática, uma vez que elas são mais dependentes dos recursos naturais e, portanto, mais vulneráveis às doenças infecciosas. Calcula que haverá uma frequência maior de epidemias de doenças infecciosas e substanciais efeitos na saúde após o deslocamento de populações devido ao aumento do nível do mar e aumento das tempestades (ICN, 2012).

Em face desses acontecimentos, essa instituição adota o posicionamento de apoiar avaliação do impacto à saúde por mudança climática, através de abordagens multi-setoriais que contribuam para o impacto de políticas, projetos ou riscos na saúde das pessoas, tendo o enfermeiro papel imprescindível nesse movimento (ICN, 2012). Tal fato por si só já reforça a importância do conhecimento de conteúdos da Saúde Ambiental na formação de enfermeiros.

Com base no exposto, esse estudo foi concebido com o objetivo de descrever o panorama brasileiro sobre o ensino de conteúdos da Saúde Ambiental em cursos de graduação em Enfermagem.

Metodologia

A presente investigação constitui-se em estudo documental, descritivo com abordagem quantitativa. A amostra foi constituída por Instituições de Ensino Superior (IES), públicas e privadas, que oferecem o curso de graduação em Enfermagem, cadastradas no portal do Ministério da Educação (MEC), na página Cadastro e-MEC de Instituições e Cursos de Educação Superior. Os dados foram coletados entre os meses de novembro de 2016 e fevereiro de 2017.

Inicialmente se fez uma busca na página do cadastro e-MEC onde são expostos todos os cursos oferecidos nos estados brasileiros. Posteriormente, passou-se à análise de cada estado, da seguinte forma: no cabeçalho selecionou-se a opção “presencial”, E na coluna de identificação dos cursos selecionou-se a opção “Enfermagem”. Na coluna posterior foram identificadas as instituições de cada estado que correspondiam aos critérios selecionados. Clicando-se na instituição eleita, automaticamente aparecia habilitada a ficha técnica da instituição com várias abas pertinentes aos cursos oferecidos pela instituição. Na aba “Graduação” pôde-se identificar todos os cursos ofertados pela IES, inclusive sua página eletrônica e índices de avaliação; na sequência, selecionou-se o curso de “Enfermagem”. A seguir, pôde ser visualizada a ficha desse curso com vários dados sobre o mesmo, tais como: modalidade, início de funcionamento, periodicidade, vagas autorizadas, nome do coordenador, carga horária mínima e endereço.

Assim, por meio da ficha técnica da IES, foi possível acessar a página eletrônica da instituição pesquisada, onde se pôde verificar a grade curricular do curso de Enfermagem, sendo conferidos todos os componentes curriculares e a carga horária correspondente. Posteriormente, buscou-se a informação da carga horária total do curso por meio da ficha do curso presente no cadastro e-MEC.

Os critérios de inclusão considerados foram: cursos de graduação em Enfermagem na modalidade presencial cadastrados no Sistema e-MEC, e também disciplinas com conteúdo de Saúde Ambiental na modalidade obrigatória. Como critérios de exclusão foram adotados os seguintes parâmetros: não disponibilização da grade curricular em sua página eletrônica, ausência de disciplinas com conteúdo relacionado à Saúde Ambiental e oferta desse conteúdo como disciplina optativa.

Resultados e Discussão

Foram levantadas 821 IES que ofertavam o curso de graduação em Enfermagem. Deste total, somente 283 (34%) atenderam aos critérios de inclusão e foram selecionadas para compor a amostra.

A seguir foram somadas as cargas horárias dos 283 cursos que compunham a amostra, chegando-se em um resultado de 1.175.758 horas. Desse número, observou-se que apenas 17.566 horas (1,5%) correspondiam a conteúdos de Saúde Ambiental, incluindo também conteúdos que se apresentavam associados a outros conteúdos, tais como: Saneamento, Epidemiologia, Educação Ambiental e Saúde do Trabalhador. Quando buscamos a presença de conteúdo exclusivo de Saúde Ambiental, observamos que somente 3572 horas (0,3%) foram dedicadas exclusivamente ao ensino da Saúde Ambiental em todos os cursos pesquisados.

Esses resultados suscitam fortes questionamentos e nos induzem a uma reflexão sobre como podemos almejar uma maior conscientização dos formadores de recursos humanos em Enfermagem em relação a real importância e necessidade de inserção de conteúdos de Saúde Ambiental com uma carga horária tão ínfima como a encontrada em nosso levantamento? Portanto, este levantamento revela uma necessidade premente de maior atenção dos formadores de recursos humanos em Enfermagem sobre essa necessidade.

Há tempos, vários organismos internacionais vêm se preocupando com os desdobramentos causados por alterações ambientais na vida das pessoas, como a Organização das Nações Unidas (ONU) e a Organização Mundial da Saúde (OMS) explicitados em relatórios e estudos como os de Prüss-Ustun e Corvalán (2006) e de Prüss-Ustun et al. (2016). Essa preocupação da ONU e OMS tem se traduzido em importantes documentos e políticas globais de enfrentamento desses problemas como os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), promulgados pela ONU no ano de 2000, posteriormente sendo aprimorados com o lançamento de novo desafio com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS),

em 2015, pela mesma organização. A própria ONU já prevê um aumento no rol desses objetivos, demonstrando que essa inquietude não é uma apreensão pontual, mas progressiva, e que as medidas devem ser intensificadas nos próximos anos. Desse modo, a Enfermagem não pode permanecer impassível frente a toda essa discussão, devendo obrigatoriamente estar alinhada com o esforço global de conquista de práticas sustentáveis.

Por outro lado, é imprescindível o entendimento da interface entre problemas ambientais e problemas de saúde, uma vez que estudos recentes revelam dados preocupantes sobre essa relação, sobretudo no que diz respeito ao surgimento e/ou ressurgimento de determinadas doenças. Nessa perspectiva, torna-se fundamental que haja uma reflexão sobre como a abordagem da problemática ambiental tem sido feita na formação e no trabalho em Enfermagem e quais as melhores e mais efetivas medidas de ação para incrementar o ensino dessa temática na formação de Enfermeiros.

Enfim, é vital que os professores, profissionais e estudantes da área sejam sensibilizados sobre a importância do conhecimento dessa temática, bem como sua responsabilidade na proposição e implementação de medidas que contribuam para seu aprimoramento.

Conclusões

Não se encontra claramente na literatura atual de Enfermagem como essa profissão entende o conceito de sustentabilidade dentro de uma rede de processos intrinsecamente relacionados, e suas implicações nas diversas áreas de atuação profissional, embora se encontre posicionamentos favoráveis à importância desse conceito.

Considerando a escassez de estudos nacionais sobre Saúde Ambiental e Enfermagem e também sobre sustentabilidade na saúde e na Enfermagem, e, conseqüentemente, considerando a existência de poucos dados a respeito dessa problemática, publicados na literatura nacional, podemos inferir que há um sub-dimensionamento dessas questões no Brasil, ocultando a necessidade de uma real amplitude.

Sendo assim, devido à abrangência desse tema, aliado à necessidade do enfrentamento dessa nova realidade pelos profissionais de saúde, que se apresenta atualmente, é que reforçamos a importância da inserção de conteúdos de Saúde Ambiental na formação de enfermeiros,

Pelo exposto, torna-se primordial que os enfermeiros estejam preparados com conteúdo da Saúde Ambiental na sua formação, de modo a exercerem de forma segura, efetiva e

competente os desafios ambientais impostos à saúde das pessoas, alinhados também com as diretrizes internacionais lançadas pelos principais organismos sanitários e socioambientais.

Referências

- AMERICAN NURSES ASSOCIATION (ANA). **ANA's Principles of Environmental Health for Nursing Practice with Implementation Strategies**, Maryland, USA, 2007. 52p.
- ANAKER, A.; NILSSON, M.; HOLMMER, A.; ELF, M. Nurses' perceptions of climate and environment issues: a qualitative study. **J Adv Nurs**; v. 71, n. 8, p. 1883- 91, 2015.
- CAMPOGARA, S. **Um estudo de caso sobre a reflexividade ecológica de trabalhadores hospitalares**. 2008. 277 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- CORRÊA, L. B.; LUNARDI, V. L.; DE CONTO, S. M. O processo de formação em saúde: o saber resíduos sólidos de serviços de saúde em vivências práticas. **Rev Bras Enferm**; v. 60, n. 1, 2007.
- CROWLEY, R. A. Climate change and health: a position paper of the American College of Physicians. **Annals of Internal Medicine**; v. 164, n. 9, p. 608-10, 2016.
- GOODMAN, B. The need for a “sustainability curriculum” in nurse education. **Nurse Education Today**; v. 31, p. 733-7, 2011.
- GOODMAN, B.; EAST, L. The sustainability lens’: A framework for nurse education that is ‘fit for the future’. **Nurse Education Today**, v. 34, p. 100-3, 2014.
- INTERNATIONAL COUNCIL OF NURSES. **The ICN Code of Ethics for Nurses**. Geneva, Switzerland, 2012b. Available from:
<http://www.icn.ch/images/stories/documents/about/icncode_english.pdf>. Acesso em 03 mar 2016.
- MCMILLAN, K. Sustainability: an evolutionary concept analysis. Exploring Nursing's role within the sustainability movement. **J Adv Nurs**; v. 70, n. 4, p. 756–67, 2013.
- MENDES, I. A. C.; MARZIALE, M. H. P. Escassez de trabalhadores qualificados na saúde: uma chamada para ação à enfermagem. **Rev Latino-am Enfermagem**, v.16, p. 2, p. 171-2, 2008.
- PERES, R. R. **Percepções de enfermeiros docentes sobre a interface saúde e meio ambiente na formação profissional**. 2014. 220f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.
- PRÜSS-USTUN, A.; CORVALÁN, C. **Preventing Disease Through Healthy Environment: towards an estimate of the environment burden of disease**. World Health Organization, Switzerland, 2006. 104p.

PRÜSS-USTUN, A.; WOLF, J.; CORVALÁN, BOS, R.; NEIRA, M. **Preventing Disease Through Healthy Environment:** a global assesment of the burden of disease from environmental risks. 2nd. ed. World Health Organization, Switzerland, 2016.147p.

RIBEIRO, M. C. S.; BERTOLOZZI, M. R. Reflexões sobre a participação da enfermagem nas questões ecológicas. **Rev Esc Enferm USP**, São Paulo, v.36, n.4, 2002.

SEYMOUR, C. To nurses, climate change is a health crisis they already witness. **Nursing Comunity Journal** (online), 2015. Aavailable from: <<http://onlinenursing.wilkes.edu/climate-change-health-crisis/>>. Acess on: 03 abr 2016.